

Henriette Ferreira Gomes

Dimensão Ética da Mediação da Informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

Ethical Dimension of Mediation of the Information: articulating axis of the other dimensions and the challenge of the organic intellectual in favor of social protagonism

Resumo: Estudo analítico da literatura científica que focaliza abordagens teóricas que situam a informação como um fenômeno social, em cotejamento com outras abordagens teóricas sobre mediação da informação, teorias sócio-interacionistas, protagonismo social, educação, cultura e política. Os resultados evidenciam a relevância da mediação consciente da informação quando esta alcança suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, tendo a dimensão ética como regente da ação de interferência, assegurando o exercício da problematização, que contribui com a tomada de consciência e com a apropriação da informação, assim como a *práxis* para o desenvolvimento do autoconhecimento do mediador e o aperfeiçoamento da ação mediadora, favorecendo o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social como intencionalidade da mediação da informação, o que demanda a formação e a atuação do intelectual orgânico, sob a concepção de Gramsci.

Palavras-chave: Mediação da informação. Dimensões da mediação da informação. Dimensão ética da mediação da informação. Informação – conceito.

Abstract: Analytical study of literature that focuses on information as a social phenomenon, in comparison with others about mediation of information, socio-interactionist theories, social protagonism, education, culture and politics. Put in evidence the relevance of mediation of information when it reaches its dialogical, aesthetic, formative, ethical and political dimensions, having the ethical dimension as the ruler of the interference action, ensuring the exercise of problematization that contributes of the appropriation of information, and *práxis* for the awareness of those involved in the mediating action, favoring the development and strengthening of social protagonism as mediation intentionality, demanding the performance of the organic intellectual, under the conception of Gramsci.

Keywords: Concept of Information Dimensions of the Mediation of Information, Ethical dimension of the mediation of information, Mediation of Information

Agenda:

| | |
|---|-----------|
| 1. Introdução | 3 |
| 2. Conhecimento, informação e mediação | 4 |
| 3. A mediação da informação e o desenvolvimento do protagonismo social | 6 |
| 4. Dimensões da mediação da informação e a condição articuladora da dimensão ética | 7 |
| 5. Mediação consciente da informação e o intelectual orgânico | 9 |
| 6. Considerações finais | 11 |
| Referências | 13 |

Author:

Prof. Dr. Henriette Ferreira Gomes:

- Full Professor - Instituto da Ciência da Informação / Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
- Leader of the Research Group GEPEMCI
- PhD in Education
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1666-0022>
- Address: Rua Santa Helena, n. 158, Pituba, Salvador, Bahia, Brasil. CEP: 41830-430
- ✉: henriettefgomes@gmail.com

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

1. Introdução

Aborda a mediação da informação e suas dimensões, destacando a dimensão ética como um elo importante que, no âmbito da mediação consciente, possibilita o alcance interligado e articulado das demais dimensões, de modo que ocorra o desenvolvimento do protagonismo social, como intencionalidade dessa ação de interferência.

Nesse sentido, busca-se delinear as abordagens teóricas da Ciência da Informação que têm maior aproximação com as abordagens dos estudos acerca da mediação da informação, que a compreendem como uma ação interacionista e, portanto, dialética.

As discussões e proposições aqui compartilhadas foram pautadas em um estudo analítico da literatura científica que focaliza o fenômeno informação, a mediação da informação, as teorias sócio-interacionistas, sobre o protagonismo social, educação, cultura e política, em especial, as produções de *Shera, Capurro, Fromahnn, Gomes, Almeida Junior, Perrotti, Santos, Vygotsky, Freire e Gramsci*, incluídos outros autores que têm contribuído com a abordagem de aspectos pontuais relacionados à temática da mediação da informação. A técnica da análise de conteúdo permitiu a identificação dos pontos de convergência, interseção e complementaridade entre essas abordagens, a partir de leituras intensivas articuladas à produção de fichas analíticas, que sustentaram o movimento recursivo às diferentes produções analisadas.

Por meio desse debate com as abordagens teóricas que situam a informação como um fenômeno que precisa ser compreendido em uma perspectiva social, evidencia a relevância da temática da mediação da informação e suas dimensões que, sob o eixo da dimensão ética, se caracterizam como instâncias do cuidar e também impulsionam, motivam e justificam o permanente exercício da *práxis*, que permite e sustenta a realização da mediação consciente.

Na ação mediadora consciente, o mediador tem maior possibilidade de passar a se constituir em sujeito político e, portanto, em um protagonista social. Ou seja, ao assegurar a efetividade da ação no desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, intencionalidade central da mediação da informação, o próprio mediador se transforma em sujeito político, sujeito da ação, enfim, em um protagonista social. Nesse enfoque, pode-se afirmar que as categorias freirianas da problematização e da *práxis* representam um ponto de inflexão que permite qualificar a mediação consciente da informação como sustentáculo do alcance do seu objetivo central, assim como substrato à formação do mediador como um intelectual orgânico do campo da informação, em uma perspectiva gramsciniana.

Quando se assinala o protagonismo social como compromisso da mediação da informação, se está acentuando a sua intencionalidade e também alertando para a emergência dela ser compreendida e assumida em sua condição de mediação consciente, de maneira que seja possível o alcance das suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política. A sua intencionalidade, ao mesmo tempo, aponta para a impossibilidade de neutralidade nessa ação, como destaca a dimensão ética da mediação como condição essencial ao alcance das suas demais dimensões.

Por outro lado, o abandono da "máscara da neutralidade" convoca tanto o profissional quanto o pesquisador e docente da área, a enfrentarem o desafio permanente de se constituírem em intelectuais orgânicos do campo.

Assim, conclui-se que somente a mediação consciente pode, com o cuidado necessário, vir a alcançar suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, tendo a dimensão ética como regente da ação de interferência, assegurando que a problematização permeie todo processo, contribuindo positivamente para que ocorram a apropriação da informação e a tomada de consciência por parte dos todos os envolvidos. Dessa forma, a mediação consciente poderá favorecer o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, assegurando o acesso, uso e a apropriação da informação sob parâmetros democráticos, onde o encontro com a informação se caracterize como uma experiência de fortalecimento das lutas pela justiça e inclusão social.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

2. Conhecimento, informação e mediação

Na discussão que aqui se apresenta em torno da mediação da informação e suas dimensões, parte-se da compreensão de que a informação é um fenômeno resultante das relações sociais, dependente da constante presença do outro, da vida em coletividade, da interação (da ação que se dá na presença do outro, na relação com o outro), enfim, da vida dinâmica do coletivo. Nessa perspectiva, cabe uma breve discussão em torno do fenômeno informação em uma perspectiva social. Para tanto, dentre um elenco destacado de autores que contribuíram no estabelecimento dessa abordagem epistêmica, optou-se por destacar Shera, Capurro e Frohmann, entendendo que esses autores fizeram avançar um debate que guarda aproximações importantes com as discussões sobre mediação da informação.

Shera (1971, 1973) tratou e defendeu a informação como uma cadeia sistêmica constituída de conteúdo, operações de ordem tecnológica que asseguram o seu compartilhamento (comunicação e transmissão) e o processo de recepção, por meio do qual o conteúdo adquire sentido para quem o acessa, o que sempre ocorre em determinado contexto sócio cultural. A essa cadeia Shera (1971, 1973) denominou de trindade do atomismo, que evidencia a relação estreita e intensa entre informação, conhecimento e o processo dialógico da comunicação, cujo objetivo é o do compartilhamento. Essa contribuição de Shera representou um avanço em termos conceituais da informação, em especial por ter tornado mais evidente a relação entre informação e comunicação, o que acentuou o papel mediador do bibliotecário no encontro entre a informação e o ser humano. Desse modo, pode-se afirmar que ele introduziu o delineamento de uma nova concepção do trabalho com a informação, na qual a mediação ocupa um papel vital, chegando a abordar a impossibilidade de haver neutralidade no fazer informacional. (SANTOS NETO, 2019).

Por sua vez, Capurro (2003) defende ser a informação uma categoria antropológica, que corresponde a um fenômeno das mensagens humanas, que envolve um processo hermenêutico e sócio-interacionista, por resultar de processo relacional entre fontes, sinais, reações e recepções por parte dos sujeitos envolvidos com a produção e o compartilhamento dessas mensagens.

Nesse sentido, Capurro (2003) assinala a importância dos agenciamentos sociais relacionados à produção e ao compartilhamento da informação na sociedade, sinalizando para a existência de zonas de tensão que repercutem tanto nos processos de compartilhamento quanto naqueles ligados ao processo de significação.

Assim, quando Shera apontou para essa dinâmica relacional entre conteúdo, base tecnológica e contexto de recepção, assim como quando Capurro tratou a informação como fenômeno antropológico, que envolve um processo hermenêutico e também interacionista, acabaram por contribuir para a construção de um caminho analítico que guarda relação com o que Frohmann (2008) denominou de regimes de informação.

Para Frohmann (2008), a informação tem um caráter social, material e público e se dá por meio de regimes que se estabelecem a partir de agenciamentos complexos, envolvendo agentes, dispositivos, articulação de linguagens, comunidades discursivas e intencionalidades. Por seu lado, os regimes de informação tornam evidente o caráter social, material e público da informação porque neles são socialmente estabelecidas as estratégias e os acordos que garantem sua produção, publicização e preservação.

A produção e publicização são dependentes da interação e materialização, sendo que esta ocorre por meio da articulação das linguagens e dos dispositivos de compartilhamento. Já a preservação da informação na memória social é estabelecida por outra ordem de agenciamentos que decidem por tal condição, assim como determinam as estratégias de inscrição em dispositivos e de conservação, que permitam a recuperação, o acesso e uso da informação em quaisquer tempos e espaços sociais.

Frohmann (2008) faz avançar o debate ao alertar para a dinâmica dos regimes de informação, assinalando o caráter social, material e público da informação, como também convocando para uma compreensão do lugar da documentação e organização da informação nesse processo, demarcando sua

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

dependência dos agenciamentos sociais e tecnológicos. Debate que acaba por oferecer sinais quanto à existência de uma simbiose entre comunicação, transmissão e informação.

As contribuições de Shera (1971, 1973), Capurro (2003) e Frohmann (2008), permitem observar que a informação se caracteriza como uma instância de trânsito entre o conhecimento construído por determinados sujeitos, e outros sujeitos que podem ou não estar situados nos mesmos contextos históricos e sociais daqueles que o produziram. Esse trânsito só é possível por meio da externalização (materialização), de modo que o conhecimento entre em estado de compartilhamento, se constituindo em informação que, ao ser disposta ao encontro de outros sujeitos, poderá potencializar a sua apropriação, instância em que o conhecimento compartilhado passará por processos de significação. Cenário que também indica a existência de outra relação simbiótica, entre informação e conhecimento.

Ao analisar essas relações, evitando os riscos de derivar para uma visão denominada por Frohmann (2008) de mentalista, Gomes (2016, 2017, 2019a, 2019b) passou a defender a informação como resultante do esforço de colocar o conhecimento em compartilhamento. Entendendo conhecimento em seu sentido *lato*, que inclui o conhecimento imediato, do senso comum, conhecimento científico, saberes e percepções, defende-se que, nesse empreendimento, o conhecimento está situado em outro estado, que não o mental.

Por concordar com Fromahnn (2008) quanto ao papel dos regimes de informação e quanto ao caráter social, material e público da informação, como também com Shera (1971, 1973), quando este defende que o trabalho com a informação destina-se à socialização do conhecimento humano, ao acesso e produção da cultura, assinalando que o conteúdo informacional compartilhado somente adquire sentido na recepção, assim como com Capurro, quando este compreende a informação como um fenômeno relacional que emerge do processo hermenêutico, Gomes (2016, 2017, 2019a, 2019b) apresenta sua proposição conceitual de **informação como conhecimento em estado de compartilhamento**. Tal proposição, no entendimento da autora, apresenta maior aderência aos enfoques da mediação a partir das contribuições de Vygotsky (1998, 2001, 2003a, 2003b), Freire (2005, 2008) e Almeida Junior (2006, 2009, 2015), que permitem situar a mediação como uma ação dialética e essencialmente pautada na dialogia, promotora do espaço problematizador que, em um contexto sócio-histórico, pode impulsionar o processo de recepção, de desenvolvimento intelectual, cultural e de tomada de consciência, o que favorece a apropriação da informação.

Na articulação de linguagens e de dispositivos de comunicação torna-se público o que se conhece, viabilizando o compartilhamento do conhecimento, o que também torna possível a sua retomada e análise a qualquer tempo e contexto. No empreendimento de compartilhar, os sujeitos articulam linguagens, dispositivos de mediação de diferentes tipologias, de modo que se possa conferir materialidade a esse saber/conhecimento, podendo essa materialidade ter ou não uma fisicalidade. Nesse processo regido por intencionalidades, o conhecimento alcança sua instância de compartilhamento, passando a se constituir em informação. (GOMES, 2016, 2017, 2019a, 2019b).

Nessa perspectiva conclui-se que a informação emerge do esforço de colocar em comum o conhecimento e os saberes humanos, consistindo em um primeiro nível de representação, por meio do qual a comunicação ocorre, permitindo o compartilhamento.

No estado de compartilhamento, os conhecimentos e saberes podem transitar do plano das singularidades ao plano do coletivo. Para ser socializado, o conhecimento, de quaisquer ordens, precisa adentrar seu estado de compartilhamento por meio de sua materialização (informação). Tal compreensão dá sustentação à proposição de que **informação é conhecimento em estado de compartilhamento**. (GOMES, 2016, 2017, 2019a, 2019b). Essa proposição conceitual torna mais evidente que a informação carrega duas potências fundamentais: a de mover a ação comunicativa e a de impulsionar e possibilitar ações mediadoras que, no processo dialógico, interacionista e de exercício da crítica, intencionam um acesso e uso problematizador, voltado à apropriação da informação, que poderá resultar em ressignificações ou produção de novos saberes e conhecimentos.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

Quando se entende **informação como conhecimento em estado de compartilhamento**, admite-se que ela provoca interferências e ao mesmo tempo resulta delas. Tais interferências intencionam o colocar em comum, com elementos que podem impulsionar o desenvolvimento cultural, educacional e social dos sujeitos, implicando em transformações da realidade e no protagonismo social que fortalece as lutas pela inclusão informacional e social, nos convoca à adoção de reflexões e condutas regidas pela ética.

No processo de interação e no exercício da crítica, as ações de comunicação podem proporcionar as condições necessárias a revisões geradoras ou ressignificadoras dos conhecimentos estabelecidos. Com base nisso, pode-se entender que a informação caracteriza-se como elemento subsidiário do pensar e das ações instituintes de novos conhecimentos e saberes, indicando a existência de relações simbióticas entre informação e conhecimento, nas quais a mediação ocupa um lugar interveniente e central.

Quando a mediação da informação é realizada de modo consciente nessas relações simbióticas, alcança-se maiores e melhores condições de contribuir para o desenvolvimento do protagonismo social. Isso implica em uma tomada de consciência por parte do mediador de que não há neutralidade no seu trabalho e que somente no exercício permanente da *praxis* é possível transformar o ambiente informacional em um dispositivo dialógico e a mediação da informação em uma ação consciente.

3. A mediação da informação e o desenvolvimento do protagonismo social

A informação, na condição de conhecimento em estado de compartilhamento, provoca interferências mais promissoras, quando ela conta com o trabalho da mediação que intenciona o desenvolvimento cultural, educacional e social dos sujeitos, assim como as transformações na realidade, contribuindo para o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social. Desse modo, pode-se afirmar que não há, e não é possível haver, neutralidade na ação mediadora.

Nesse sentido, observa-se que essa concepção de informação e sua vinculação com a mediação convergem com a conceituação de mediação da informação formulada por Almeida Junior (2015, p. 25), que afirma ser esta

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Por outro, a análise da assertiva de que essa ação de interferência pode ser consciente ou inconsciente, explícita (direta) ou implícita (indireta), que não se volta apenas ao atendimento das necessidades informacionais, mas também a oportunizar condições de geração de novos conflitos e busca de outras informações, assinala a relevância da mediação provocar e promover o processo de problematização em torno da informação em foco, para que ocorra o exercício da crítica.

O processo de problematização representa, conforme Freire (2005, 2008), o primeiro passo em direção à conquista da conscientização, a partir da qual o sujeito toma consciência de si e do mundo. Assim sendo, a problematização se caracteriza como um elemento central ao desenvolvimento do protagonismo social, compreendido como conduta e ação de resistência contra a opressão, contra a discriminação, o *apartheid* social, a rejeição, o silenciamento dos contrários, o desrespeito à alteridade. Desse modo, observa-se que o protagonismo social motiva e impulsiona a ação mediadora.

Alguns estudos acerca da mediação da informação vêm defendendo essa concepção, compreendendo protagonismo a partir do resgate do seu vínculo central com as questões sociais, com os interesses do coletivo,

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

sentido originado na literatura e no teatro grego, em especial nas tragédias gregas, mais destacadamente após as contribuições de *Sófocles*.

Conforme Santos (2005), *Sófocles* inaugurou na sua dramaturgia a composição da trama por meio de três personagens: o protagonista como papel principal; o deuteragonista como papel secundário com a função de antagonizar, assumindo durante toda história a oposição ao protagonista, e o tritagonista, correspondendo a um papel terciário no desenvolvimento da trama. Mas foi na dramaturgia de *Sófocles* que o sentido de protagonista alcança o seu atributo principal de personagem que assume a luta de resistência, atuando com consciência e persistência em favor de causas do coletivo.

Tal sentido se delinea com clareza na obra *Antígona*, nome da protagonista que enfrenta uma luta com o *Rei Creonte*, que assumira o reino de *Tebas*, após a morte de seu pai *Édipo* e dos seus irmãos *Etéocles* e *Polinice*. Nessa obra de *Sófocles*, o personagem *Creonte* assume uma conduta autoritária e violenta em favor dos seus interesses privados, em total desrespeito aos valores e princípios sociais. Nesse cenário, *Antígona* assume o papel de enfrentamento a *Creonte* em defesa de valores coletivos de justiça, debatendo corajosamente contra a tirania e o desrespeito ao coletivo, assumindo um protagonismo pelos princípios sociais. *Antígona* resistiu e o enfrentou até a morte, reagindo contra sua conduta arbitrária, motivada pelo ódio e interesses privados.

Desse modo, pode-se afirmar que foi na literatura e no teatro grego, especialmente a partir da obra de *Sófocles*, que o protagonismo se firma como conduta, ação, movimento impulsionados e articulados a valores, princípios e interesses da coletividade, não se restringindo à característica de ocupação de um espaço maior de voz, de um lugar de destaque. A partir de então, o protagonista assume a condição de um sujeito político, que age em favor do social, sendo um interferente na realidade, buscando transformá-la, enfrentando antagonismos com coragem, inteligência, sabedoria e competência, aceitando até mesmo que os resultados da sua luta possam vir a ser alcançados para além da sua própria existência e do seu tempo histórico.

Dentro dessa compreensão, especialmente a partir das abordagens de Perrotti (2017), os estudos de mediação da informação retomam esse sentido fundante da obra de *Sófocles*, o que demanda que se rememore aqui que o protagonismo é social e se faz pelo sujeito social, que conquista consciência sobre si, sobre sua realidade e sobre a sociedade. O protagonismo social se dá pelas ações do sujeito consciente, que assume as lutas por justiça social, pelos interesses do coletivo, pelo fortalecimento da esfera pública, com a consciência de que todas essas lutas às quais se engaja se dão na história.

Assim, os estudos da mediação da informação partem das concepções de informação e trabalho informacional, vinculadas à valorização da esfera pública (dos interesses do coletivo), cuja intencionalidade é a do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social.

Dentre as categorias de mediação da informação que integram o conceito proposto por Almeida Junior (2015), considera-se que a mediação consciente da informação é aquela capaz de desenvolver o processo de problematização e o exercício da *práxis* que nos fala Freire (2005, 2008), explorando, intencionalmente, a potência transformadora da mediação da informação por meio do alcance das dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política propostas por Gomes (2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b), para se constituir em efetiva contribuição ao desenvolvimento do protagonismo social.

4. Dimensões da mediação da informação e a condição articuladora da dimensão ética

A mediação da informação consiste em uma ação dialética que, conforme Gomes (2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b), possui cinco dimensões: a dialógica, estética, formativa, ética e política. Na ação mediadora

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

tais dimensões podem ou não ser alcançadas plenamente. O alcance dessas dimensões é dependente da efetividade e qualidade da ação de interferência.

Na sua condição de processo dialético, a mediação da informação vindica um agente mediador disposto e preparado para atuar com o outro e não para o outro, para pensar e realizar a ação mediadora com respeito às diferenças, estimulando o diálogo de modo compreensivo e acolhedor dessas diferenças, buscando permanentemente garantir o espaço de voz a todos que participam da ação, assegurando o alcance da **dimensão dialógica**, que representa, ao mesmo tempo, uma condição e uma instância que sustenta a própria existência da ação de interferência com o outro.

A mediação da informação, no âmbito da sua **dimensão dialógica**, se projeta ainda à possibilidade de alargar o número de participantes, superando o número real de sujeitos envolvidos, trabalhando também para que o participante em potencial se aproxime, se coloque e se incorpore às ações de mediação.

Quando a **dimensão dialógica** é intensificada, os sujeitos passam a exercitar o debate crítico acerca do conteúdo que é objeto da ação mediadora. Além disso, experimentam a possibilidade de conhecer o outro, como também de se desvelar e se reconhecer, conquistando e assumindo, no encontro com a informação, um refletir com o outro, fortalecendo o espaço crítico na constituição de uma ambiência acolhedora e respeitosa, o que gera conforto às manifestações e interpelações por parte de todos. Conforme Gomes (2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b), nesse contexto, a mediação da informação tem as condições para alcançar sua **dimensão estética**, instância em que os sujeitos que participam da ação têm a possibilidade de acionamento do que Vygotsky (1998, 2001, 2003a, 2003b) denominou de **zona de desenvolvimento proximal (ZDP)**.

Somente na mediação consciente a dialogia pode ser intensificada, tornando exequível o exercício da crítica e o processo problematizador, a partir dos quais é possível a observação de incompletudes e lacunas que provocarão, em todos os envolvidos, a experiência de desestabilização dos seus conhecimentos anteriormente adquiridos, o que poderá gerar as condições de acionamento da ZDP, que potencializa o desenvolvimento intelectual e a construção de sentidos, situação em que os sujeitos podem se apropriar da informação mediada.

É nessa instância que a mediação da informação tem a possibilidade de alcançar sua **dimensão estética** que, se por um lado, contribui para que o sujeito se desestabilize, por outro descortina possibilidades de ressignificação, por meio da qual os sujeitos podem trabalhar no processo de alargamento das suas compreensões, buscando redimensionar seu arcabouço de conhecimentos e saberes, representando assim uma dimensão geradora da experiência do prazer estético da criação e transformação.

Quando a ressignificação e o redimensionamento do arcabouço de conhecimentos e saberes se tornam efetivos, a mediação da informação alcança a sua **dimensão formativa**, a partir da qual o sujeito efetivamente alarga seus conhecimentos, expande sua compreensão e concepção de mundo, se recria, se modifica, se forma e se transforma. (GOMES, 2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b).

Contudo, o sucesso da mediação consciente no alcance das dimensões dialógica, estética e formativa é dependente do alcance da **dimensão ética**, na condição de eixo articulador das demais dimensões. Isso porque sem o respeito à alteridade não há possibilidade de alcançar a dimensão dialógica por meio da interlocução e comunicação promissoras, que intensificam o debate, de modo que o espaço crítico seja priorizado e na **dimensão estética** se experimente o processo problematizador, no qual o espaço do livre pensar e expressar assegurem o acionamento da ZDP, com condições de fazer emergir a criatividade e a apropriação da informação, em condições de se alcançar a dimensão formativa, quando os sujeitos redimensionam e alargam seus conhecimentos e saberes.

Na ambiência do acolhimento e do conforto, oferecida pela mediação consciente da informação, sob a regência da **dimensão ética**, torna-se possível construir o sentimento de pertença, que favorece e estimula fruição, o livre pensar, a abertura ao diálogo com respeito à alteridade.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

Na **dimensão ética**, a mediação da informação permite que todos os envolvidos sintam-se acolhidos e reconhecidos como sujeitos ativos na ação, conquistando a condição de protagonistas do ambiente informacional. Além disso, reconhecer tal condição como um direito de todos, gera o conforto à interpelação, produção cultural e de novas informações, sem temer, praticar ou autorizar a censura, intensificando o debate e o exercício da crítica, sem tentativas de manipulação.

O alcance da **dimensão ética** substancia a articulação das demais dimensões, proporcionando melhores condições ao trânsito das ideias, sem censura ou rejeição, estimulando o exercício isonômico da crítica, o que permitirá também que a mediação consciente crie as condições de alcance da sua **dimensão política**. (GOMES, 2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b).

Quando o mediador da informação, como também o ambiente informacional, na sua condição de dispositivo informacional dialógico, em uma perspectiva apontada por Pierruccini (2007), assumem como responsabilidade social realizar a mediação consciente, com o cuidado necessário ao alcance das cinco dimensões, emerge a urgência de se discutir e assumir como desafio a formação do intelectual orgânico da área, tomando-se como referência Gramsci (1997, 2013).

A mediação consciente vindica um mediador pronto a se constituir em intelectual orgânico. A ação de interferência demanda esse empreendimento pelo seu caráter dialético e revolucionário. Dentro dessa perspectiva, o constante exercício da *práxis* é condição para o autoconhecimento do mediador e para o exame e a análise da ação em si, avaliando-se o alcance ou não das suas dimensões nessa ação de modo produtor ao apoio do protagonismo social.

Como intelectual orgânico do campo da Ciência da Informação, o mediador consciente se coloca em constante abertura e disponibilidade para conhecer o outro, o meio, o contexto e a si mesmo, assumindo a atitude do cuidar da mediação da informação, orientado para fazer com que a **dimensão ética** seja a norteadora e articuladora do alcance das demais dimensões, uma condição sobre a qual a ação de interferência poderá ser conduzida à sua **dimensão política**.

A **dimensão política** ganha substância quando o mediador toma consciência da sua condição de sujeito dessa ação, de sujeito político que abandona a "máscara da neutralidade" e assume a condição de protagonista social, que entende e faz o seu trabalho vinculado à construção de um processo humanizador do mundo. (GOMES, 2014, 2016, 2017, 2019a, 2019b).

Pode-se afirmar que a **dimensão política** da mediação da informação é alcançada em plena, e na, articulação com as demais dimensões, pela regência da dimensão ética, consolidando a contribuição da ação de interferência ao desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social. Ela ganha substância no estímulo à interpelação, ao debate, ao exercício da crítica, na atitude propositiva com o coletivo e em favor dos interesses da coletividade, não apenas no âmbito da ação mediadora, mas na vida em sociedade. No alcance da dimensão política, os resultados da mediação da informação ultrapassam os "muros" do ambiente de informacional, extrapolando as próprias ações, processos, instrumentos, produtos e serviços de informação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que somente a mediação consciente da informação tem condições de representar uma ação política, que se compreende como uma ação na história, diante da qual o mediador da informação é desafiado e convocado a se constituir no que Gramsci denominou de intelectual orgânico.

5. Mediação consciente da informação e o intelectual orgânico

Somente o profissional e intelectual orgânico pode vincular-se às lutas por inclusão e justiça social, abandonando a ilusão da neutralidade, se posicionando, como propôs Gramsci (1997, 2013), como um quadro que coloca seus estudos e trabalho especializado a serviço da construção de uma sociedade igualitária.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

Para Gramsci (1997, 2013), somente o intelectual orgânico pode, independente da sua origem social, assumir como suas as lutas populares, realizando o exercício da crítica sobre o conhecimento, elaborando proposições científicas e profissionais que fortaleçam as forças revolucionárias e construtivas de uma sociedade libertária.

Em síntese, o profissional e intelectual orgânico é aquele que se constitui em intelectual politicamente comprometido em refletir permanentemente acerca da relação e interligação existente entre o modo de produção da vida material e a reprodução simbólica das desigualdades. Para tanto, esse profissional/intelectual mantém-se aberto ao desafio de desvelar as complexidades dos fenômenos, tanto naturais quanto sociais, sempre considerando as dinâmicas políticas, econômicas, culturais, enfim, as dinâmicas sociais.

Ao enfrentamento desse desafio se coloca a urgente busca do autoconhecimento e o conhecimento das lógicas sociais vigentes e históricas, que sempre guardam contradições. Isso implica no estabelecimento de um programa de estudos, reflexões e debates, como também uma inserção ativa desse intelectual e profissional nas lutas sociais. Nessa perspectiva, Gramsci (1997, 2013) propõe que os intelectuais se vinculem conscientemente às questões políticas do seu tempo, assumindo sua posição em relação às classes sociais, estabelecendo vínculo com as lutas políticas das classes subalternizadas, compreendendo a sua educação e a educação na sociedade como *práxis* de ordem política.

Assim, a concepção de intelectual orgânico rompe com a concepção tradicional de intelectual imparcial, autônomo, acima e a parte das classes sociais, que considera sua qualificação profissional, acadêmica e científica como uma espécie de "passaporte" que o desloca do eixo perverso da divisão social entre a classe dominante e a classe subalternizada. Para Gramsci (1997, 2013) deve-se considerar um erro a tentativa de se estabelecer distinção aos sujeitos sociais a partir dos conhecimentos especializados que estes dominam, e de se adotar o silenciamento e/ou esquecimento do papel que eles próprios e as suas atividades cumprem nas relações sociais.

O intelectual tradicional, ainda que inconscientemente, acaba contribuindo para que se confira homogeneidade ao sistema no qual está inserido, o que forja a construção de uma compreensão elitista e não orgânica acerca da sua função social. Desse modo, o intelectual tradicional acaba colaborando com a formação do substrato que sustenta as concepções de direitos, democracia e cultura vigentes e de interesse do sistema econômico dominante e excludente.

Na concepção de Gramsci (1997, 2013), as classes dominantes asseguram a formação dos técnicos, dos cientistas políticos, dos juristas e dos especialistas de toda ordem, com o objetivo de que estes colaborem na construção de uma cultura e de um comportamento social homogêneos, que sustentem a manutenção dos seus interesses privados.

Dentro dessa perspectiva Gramsci passou a defender a urgência da formação do intelectual orgânico, para fazer frente ao intelectual tradicional, superando o aprisionamento que se dá na artificialidade do *status* de imparcial (neutralidade), que mantém o intelectual afastado da realidade social, das dinâmicas sociais, alheios ao seu contexto e seduzidos pela "valorização" da erudição. (SEMERARO, 2006).

O intelectual tradicional se afasta da potência transformadora do trabalho e do conhecimento que libertam, porque padece da ilusão quanto à valorização dentro da lógica da meritocracia. Ele acaba acreditando ser valorizado e respeitado acima dos demais grupos sociais e, assim, se enganando quanto a uma aparente independência ou se orientando por uma crença de possível independência dentro dessa lógica. Essa concepção tradicional de intelectual acabou por gerar arrogância e prepotência que desenvolvem um sentimento de superioridade, que jamais embala o ideal de fraternidade e compromisso com o social.

Assim foi se consolidando um afastamento desses intelectuais tradicionais de uma compreensão consistente e de uma atuação comprometida com a construção e transformação da realidade social do seu tempo. Alimentados pela falsa ideia da neutralidade e superioridade que os distinguiriam dos demais grupos sociais, mantida pela lógica da meritocracia que, às vezes, se reforça por uma compensação monetária,

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

acompanhada de certo "prestígio", perdem as condições de compreender o quanto estas são frágeis, provisórias e instáveis, porque se vinculam aos interesses privados da classe dominante que, pautada em seus interesses, não vacilará em adotar seu dramático "descarte" e expulsão do rol dos "valorizados".

Essa concepção, que abarca as "máscaras da neutralidade e da superioridade" faz com que esse intelectual, inconsciente do seu vínculo com o sistema vigente, se torne incapaz na análise crítica da lógica desse sistema que o absorve, assim como de compreender sua conexão com as lutas e necessidades sociais, acabando por cumprir um papel que reforça o jogo excludente da maioria oprimida, mantendo-se afastado e também afastando sua área do conhecimento da vida social.

De forma diferente, o intelectual orgânico se forma e se transforma, busca seu autoconhecimento e constrói consciência, se colocando e se compreendendo como parte integrante de um organismo social vivo, que pulsa, sofre, pensa e também cria. O intelectual orgânico é aquele que se dispõe ao estado permanente de mudança e superação, mas sempre em conexão com a dinâmica social, compreendendo a inserção do seu campo científico e profissional nas estruturas econômicas, políticas e culturais, tomando posição, fazendo opção pela construção de caminhos constitutivos de um mundo mais justo e inclusivo. Desse modo, o intelectual orgânico é aquele que potencializa suas atuações e contribuições ao desenvolvimento justo da sociedade.

Gramsci (1997, 2013) considera que tais atuações e contribuições se fazem concretas por meio da atividade intelectual que, para ele, tanto ocorre pela via do trabalho profissional especializado quanto do desenvolvimento de pesquisas, produções científicas e docência, alertando que, se nos vínculos institucionais elas não podem ocorrer plenamente, não devem, por esta razão, ser abandonadas. Além disso, essas atividades também podem ocorrer independentemente de vínculos institucionais, estando diretamente articuladas à sociedade civil. Para ele, diferentemente do intelectual tradicional, o intelectual orgânico é aquele que se opõe à produção de meras narrativas eloquentes ou abstrações teóricas e/ou práticas que valorizem, reforcem e acentuem a adoção de dispositivos desvinculados e descompromissados com a dinâmica e necessidades da vida justa em sociedade.

O intelectual orgânico não se vincula a operações prospectadas, alavancadas e disseminadas por meros interesses econômicos. Para Gramsci (1997, 2013), o intelectual orgânico compreende e assume o desafio de atuar na interseção e articulação entre o conhecimento científico do seu campo com a filosofia e a ação política que todo sujeito, grupo social e intelectual deve assumir em direção à construção humanista e histórica do mundo.

Enfim, a partir das reflexões e proposições de Gramsci, conclui-se que o intelectual orgânico é aquele assume o compromisso com um processo humanizador do mundo. Nesse sentido, e incorporando esse conceito e concepção de Gramsci ao universo temático da mediação da informação em favor do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, esta autora compreende e defende que somente o mediador consciente da informação poderá assumir essa condição e papel, contribuindo efetivamente para o cumprimento da responsabilidade social da Ciência da Informação.

6. Considerações finais

Admitindo-se as relações simbióticas entre conhecimento e informação, o papel da comunicação nessas relações permite reafirmar a proposição de se considerar a informação como conhecimento em estado de compartilhamento, proposição que se funda a partir de abordagens teóricas em uma perspectiva social, em destaque neste trabalho as produzidas por Shera, Capurro e Frohmann, que permitem compreender a informação como uma instância de trânsito entre o conhecimento construído e instituído em determinado contexto, por determinados sujeitos, e outros situados ou não nesse mesmo contexto. Trânsito este que só é

possível pela externalização que dá materialidade (não necessariamente fisicalidade) a esse conhecimento que, em estado de compartilhamento, constitui-se em informação.

Assim, a informação possibilita o encontro de outros sujeitos com esse conhecimento compartilhado que, ao ocorrer, poderá, pela via da mediação, potencializar o processo de apropriação, quando os sujeitos desse encontro passarão a elaborar seus próprios processos de significação.

Compreender o lugar da mediação nesse processo de acesso, uso e apropriação da informação, implica em se refletir sobre a importância da mediação consciente da informação, categoria que desvela e anuncia a sua intencionalidade de transformar o fazer informacional em contributo ao desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social. Também implica em se admitir que, para tanto, a mediação da informação precisa acolher e se realizar com o cuidado necessário para se alcançar as dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, compreendendo a dimensão ética como eixo articulador das demais, de modo que a mediação tenha efetividade.

Essa compreensão permite que se alce a mediação da informação e suas dimensões à condição de um fundamento da área da informação, capaz de orientar as ações e o exercício da *práxis* no campo, de modo que este melhor cumpra sua responsabilidade social.

A mediação consciente convoca o mediador da informação a assumir o desafio do permanente exercício da *práxis*, buscando seu autoconhecimento e o conhecimento e aperfeiçoamento das suas ações de mediação. Desafio que se estende a sua constante formação e qualificação, de modo que este siga sempre se constituindo e se fortalecendo como um intelectual orgânico do campo da informação, tornando-se capaz de compreender e também fazer avançar seu desenvolvimento intelectual, profissional e de pesquisa em estreito vínculo com o processo de construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, o que impulsionará sua posição mais ativa, assumindo lideranças, com coragem e honestidade sistemática, se constituindo também em um protagonista social.

Ao se tomar as categorias freirianas do exercício da *práxis* e da problematização como essenciais à mediação consciente, adotando-as como elementos vitais ao sucesso da ação, executando-as em processos coletivos, abre-se uma possibilidade maior de se identificar contradições entre a prática realizada e seu fundamento teórico; assim como as limitações e lacunas a serem superadas; acrescidas de possíveis desvios éticos na ação de interferência e na própria conduta do mediador.

Em uma perspectiva gramsciana, pode-se afirmar que nesse processo, o mediador da informação estará se construindo e se constituindo em intelectual orgânico do campo, que na condição de sujeito político passa a adotar conscientemente uma posição ativa em favor do coletivo, da justiça e da inclusão social.

O mediador que assume e busca realizar a mediação consciente da informação atuará na promoção de um encontro mais promissor entre a informação, os dispositivos informacionais e culturais, e as diversas instâncias e sujeitos sociais. Isso porque o seu trabalho estará orientado pela intencionalidade da ação de interferência, de atuar em favor de um encontro que seja, ao mesmo tempo, desvelador das necessidades, carências, limites, desejos, competências, experiências, saberes etc., como revelador do possível em termos das transformações singulares e plurais, individuais e coletivas. O que se apresentava como "impossível", no processo problematizador instaurado na ação mediadora, cede espaço às transformações para a construção do possível.

Por fim, reafirma-se que a potência libertadora da mediação da informação se efetiva na ação consciente que busca alcançar suas cinco dimensões, sob a regência da dimensão ética. Potência que desafia o mediador a se constituir em um profissional e intelectual orgânico, assumindo sua condição de sujeito político, que realiza e coloca o seu trabalho, seu desenvolvimento profissional, acadêmico e científico em prol do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, que dará sustentação às lutas por justiça e inclusão social, às lutas pela liberdade de ação, expressão, interpelação e proposição, enfim, um protagonismo social capaz de sustentar o processo humanizador do mundo.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

Referências

- Almeida Junior, Oswaldo F. de. *Mediação da informação: um conceito atualizado*. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José (Orgs.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. *Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação*. *Encuentro De Educadores E Investigadores Em Bibliotecologia, Archivologia, Ciencia De La Información Y De La Documentación De Iberoamérica Y El Caribe (EDIBCIC)*, 7., 2006, Marília. Anais ... Marília: UNESP, 2006. Disponível em: http://edific.org/data/documents/Actas_VII_EDIBCIC.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.
- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. *Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens*. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/17>. Acesso em: 10 out. 2013.
- Capurro, Rafael. *The concept of information*. *Annual Review of Information Science and Technology*, [S.l.], v. 37, p. 343-411, 2003.
- Freire, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2008.
- Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- Frohmann, Bernard. *O caráter social, material e público da informação*. In: FUJITA, M.S.; MARTELETO, R.M.; LARA, M.G. (Orgs.). *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.
- Gomes, Henriette Ferreira. *Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas*. In: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (Orgs.). *Epistemologias, comunicação e informação*. Porto Alegre: Sulina, 2016. cap.5, p. 91-107
- Gomes, Henriette Ferreira. *A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação*. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n.2, p.46-59, out. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/1909>. Acesso em: 27 dez 2017.
- GOMES, Henriette Ferreira. *Mediação consciente da informação; categoria fundante ao protagonismo profissional e social. O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação*. Florianópolis: Rocha; Nyota, 2019a, v. 1, p. 187-206. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- Gomes, Henriette Ferreira. *Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida activa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas*. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017. cap. 2, p. 27-44.
- gomes, Henriette Ferreira. *Protagonismo social e mediação da informação*. *LOGEION: FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO*, [Rio de Janeiro], v. 5, p. 10-21, 2019b. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/111756>. Acesso em: 20 maio 2020.
- Gramsci, Antônio. *A formação dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

Henriette Ferreira Gomes:

Dimensão ética da mediação da informação: eixo articulador das demais dimensões e o desafio do intelectual orgânico em favor do protagonismo social

- Gramsci, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- Perrotti, Edmir. *Sobre informação e protagonismo cultural*. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (Orgs.). *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.
- Pieruccini, Ivete. *Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação*. In: Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação, 8., 2007, Salvador. Anais ... Salvador: ANCIB; PPGCI/UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- Santos, Adilson. *A tragédia grega: um estudo teórico*. Revista *Investigações*, [Refice], v. 18, n. 1, p. 41-67, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1501>. Disponível em: 22 abr. 2020.
- Santos Neto, João Arlindo. *O estado da arte da mediação da informação: uma anáclise histórica da construção e desenvolvimento dos conceitos*. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2019. 460 f. il. Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Junior.
- Shera, Jesse. *The sociological relationships of information science*. *Journal of the American Society for Information Science*, [S.l.], v.22, p.76-80, apr. 1971.
- Shera, Jesse Hauk. *Toward a theory os Librarianship and information Science*. *Ciência da Informação, Brasília, DF*, v. 2, n. 2, dez. 1973. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/30/30>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- Semeraro, Giovanni. *Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade*. *Cadernos Cedes, Campinas*, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- Vygotsky, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Vygotsky, Lev S. *Obras escogidas*. 2. ed. Madrid: A. Machado Libros, 2001.
- Vygotsky, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.
- Vygotsky, Lev S. *Psicologia pedagógica*. Edição comentada. São Paulo: Artmed, 2003b.